

"PORTUGAL AND TIMOR-LESTE – 500 YEARS"

The island of Timor, and likewise the islands to the east of the Strait of Malacca, has been referenced by Portuguese seafarers since the early sixteenth century. The pilot Francisco Rodrigues was the first Portuguese explorer to draw the map of the island; working between 1512 and 1513, he limited his meticulous sketch to the northern coast of the territory which he identified as follows: «this is the island of Timor where sandalwood is born» — precious information considering the importance of the international trade of this wood, highly valued in China and India. Hence, during the fifteen hundreds, this remote island was reputed only for its abundant sandalwood forests, a fame thus immortalised by Luís de Camões in Canto Ten of *Os Lusíadas* (1572): «And here is Timor, with its forests/ Of scented, invigorating sandalwood./ Look at Java, so vast [...]».

The interest in sandalwood trade led the Portuguese to embark on organised visits to the island of Timor from 1515 onwards. However, it was only in the second half of the sixteenth century that the first efforts were made to occupy this territory on a permanent basis, initiated above all by Dominican missionaries who began by establishing a settlement on the small island of Solor, where they built a fortress that served as the base for the activities developed at that time in Timor. The importance of this island for the Portuguese interests in the region is also clearly evident in the extremely beautiful map penned by Fernão Vaz Dourado, dated 1576.

During this period, the Portuguese presence in Timor was rather fragile, almost symbolic, curiously being more significant on the western part of the main island of Timor, with its stronghold at Kupang, a settlement taken by the Dutch in the seventeenth century. Control over the territory, a primordial condition required to assure access to the existing raw materials on the island, was fundamentally based on the establishment of friendly relations with the indigenous chiefdoms, in addition to the necessary Portuguese presence at ports of embarkation of the commercially valuable products.

The incipient occupation of the territory explains the inexistence of archaeological remains related to the initial phase of the Portuguese presence in Timor. The loss of Kupang to the Dutch forced the

«colonial seat» to move northeast to Lifau, in the enclave of Oecusse, where it remained until 1769, the year of its destruction and abandonment, and also the foundation of Dili, the new «capital». There are very few descriptions of the people of Timor in the sixteenth century. Despite his previous cartographical records, the island does not feature in the drawings produced by Francisco Rodrigues detailing the landscapes of various islands to the east of Malacca although Timor would certainly not have been very different from the «portrait» that Rodrigues established of the neighbouring island of Alor. On the other hand, while the fifteenth century references to the lifestyles and housing conditions of the indigenous populations tend to be extremely simplistic and incomplete, the descriptions of the island and its peoples drawn by António Pigafetta in 1522 and the Jesuit priest Baltasar Dias in 1559, are exceptions in this regard. However, it is only due to the scientific output of anthropological studies and ethnographic missions conducted since the second half of the nineteenth century, that we are currently able to have a better idea of how the people of Timor lived and died at the time of the arrival of the Portuguese.

¹ From Canto Ten, stanza 134, *The Lusíadas*, Luis Vaz de Camões, translated by Landeg White, Oxford University Press, 2008, p. 223.

Papel / paper - FSC 110 g/m²
Formato / size
 Selo / stamp: 80 x 30,6 mm
 Bloco / souvenir sheet: 125 x 95 mm
Picotagem / perforation
 Cruz de Cristo / Cross of Christ 13x13
Impressão / printing - offset
Impressor / printer - INCIM
Folhas / sheets
 Com 20 ex. / with 20 copies
Sobrescritos de 1º dia / FDC
 C5 - €0,75
 C6 - €0,56
Pagela / brochure
 €0,70

Obliterações do 1º dia em First day obliterations in
 Loja CTT Restauradores
 Praça dos Restauradores, 58
 1250-998 LISBOA
 Loja CTT Município
 Praça General Humberto Delgado
 4000-999 PORTO
 Loja CTT Zarco
 Av. Zarco
 9000-069 FUNCHAL
 Loja CTT Antero de Quental
 Av. Antero de Quental
 9500-160 PONTA DELGADA

Encomendas a / Orders to
FILATELIA
 Av.D.João II, n^o13, 1^o
 1999-001 LISBOA
 filatelia@ctt.pt
 (colecionadores / collectors)
 www.ctt.pt
 www.facebook.com/Filateliact
 O produto final pode apresentar
 pequenas diferenças.
 Slightly differences may occur in
 the final product.
 Design: Concept Advertising
 Impressão / printing: Futuro, Lda.

Dados Técnicos / Technical Data

Emissão / issue
 2015 / 10 / 28
Selo / stamp
 €0,80 - 115 000
 €1,00 - 165 000
Bloco / souvenir sheet
 Com um selo / with 1 stamp
 €2,50 - 40 000
Design - A F Atelier
Créditos/credits
Selo/stamp
 €0,80 - Pormenor de desenho da costa norte da ilha de Solor, em «Livro de Francisco Rodrigues - O Primeiro Atlas do Mundo Moderno» de José Manuel Garcia. Edição Fac-Similada, do original da Biblioteca de l'Assemblée Nationale, Paris. Editora da Universidade do Porto. Foto Serviço de Imprensa da Faculdade de Letras da Universidade do Porto; Sândalo. Foto Alamy/Fotobanco; «Malesi di Timor» (pormenor) por Antonio Giovanni Sasso, gravura em águada aquarelada. Col. Biblioteca Nacional do Portugal; «Os Lusíadas» de Luís de Camões, canto X, estrofe 134, edição 1572. Col. Biblioteca Nacional de Portugal.
 €1,00 - «Casa de Lantau», col. Museu Nacional de Etnologia/foto de Ruy Cinatti / Arquivo de Documentação Fotográfica/Direção Geral do Património Cultural; «D Aleixo, régulo de Ainaro», desenho de José Luis Brandão de Carvalho. Col. Biblioteca Nacional de Portugal; «Pano de uso masculino», col. Museu Nacional de Etnologia/foto José Pessoa/ Arquivo de Documentação Fotográfica/Direção Geral do Património Cultural.

Bloco/souvenir sheet

Selo/stamp

Miniatura de casa timorense, feita em tiras de palma.

Col. Museu Nacional de Etnologia/Foto José Pessoa/ Arquivo de Documentação Fotográfica/Direção Geral do Património Cultural;

«Crocodilo voador», Viqueque, Timor-Leste.

Col. Museu de História Natural da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

Fundo/background

Carta das Flores, Timor, Banda, Molucas, Amboin,

Seram e outras ilhas, em «Livro de Francisco Rodrigues

– O Primeiro Atlas do Mundo Moderno» de José Manuel Garcia. Edição Fac-Similada, do original da Biblioteca de l'Assemblée Nationale, Paris. Editora da Universidade do Porto. Foto Serviço de Imprensa da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Col. Biblioteca Central da Faculdade de Letras da Universidade do Porto;

Sândalo. Foto Alamy/Fotobanco;

«Guerrero di Timor», gravura em madeira aquarelada, 1860. Col. Biblioteca Nacional de Portugal;

«Diadema compósito» (Kaebauk), Timor Oriental,

Amanuban, Soe, séc. XX. Col. Particular;

«Os Lusíadas» de Luís de Camões, canto X, estrofe 134, edição 1572. Col. Biblioteca Nacional de Portugal.

Pagela/brochure

Capa/cover

Atlas de Fernão Vaz Dourado, pormenor com

a representação de Timor.

Col. Biblioteca Nacional de Portugal.

Interior/inside

Desserto da costa norte da ilha de Solor, em «Livro

de Francisco Rodrigues - O Primeiro Atlas do Mundo

Modern» de José Manuel Garcia. Edição Fac-Similada,

do original da Biblioteca de l'Assemblée Nationale,

Paris. Editora da Universidade do Porto. Foto Serviço

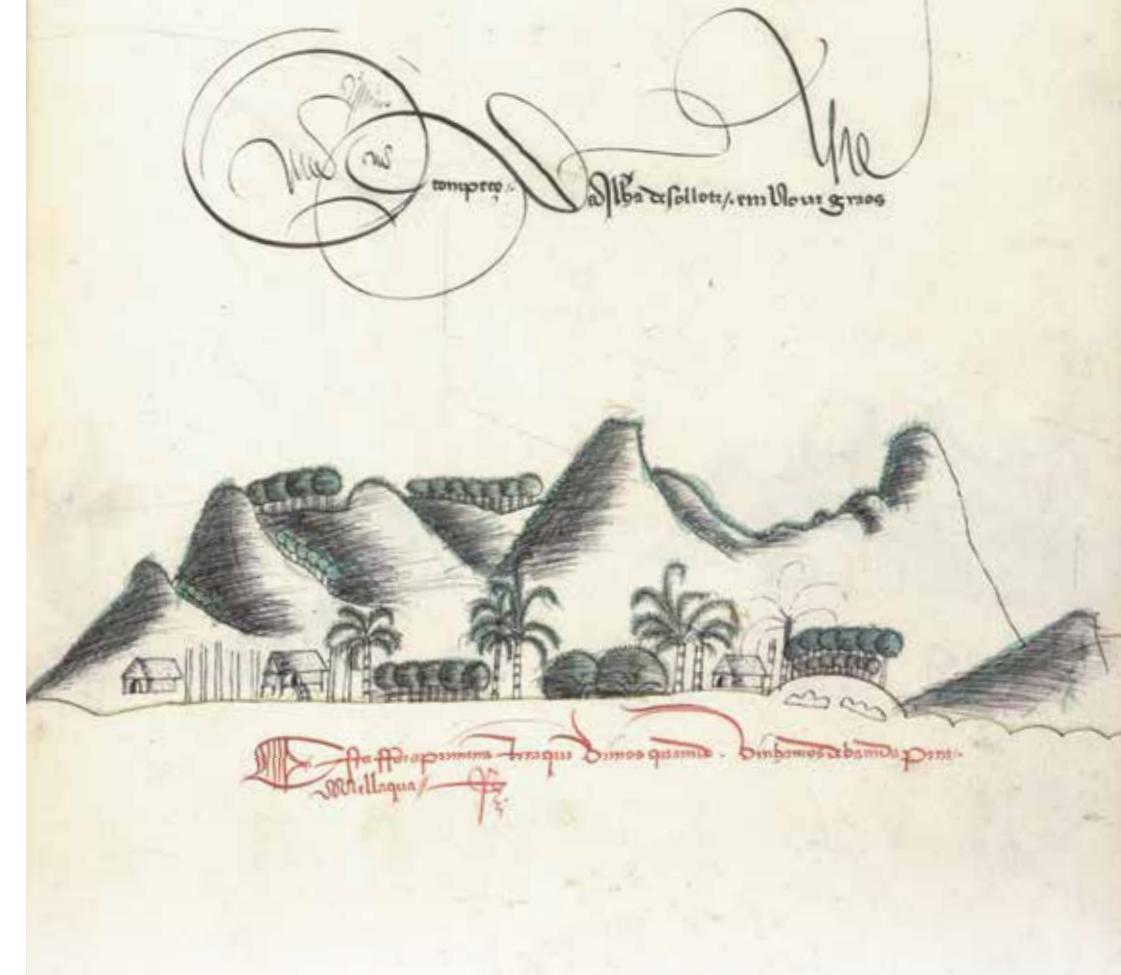
de Imprensa da Faculdade de Letras da Universidade

do Porto. Col. Biblioteca Central da Faculdade de Letras

da Universidade do Porto.

Portugal Timor-Leste
500
 anos





A ilha de Timor, tal como as ilhas a oriente do estreito de Malaca, já estaria referenciada pelos navegadores portugueses desde inícios do século XVI. Entre 1512 e 1513, o piloto Francisco Rodrigues foi o primeiro português a cartografar a ilha, limitando o seu cuidadoso desenho à costa norte do território que identificou desta forma: «esta é a ilha de Timor onde nasce o sândalo» — informação preciosa se se atender à importância do tráfico comercial desta madeira, muito apreciada na China e na Índia. Assim, no século de Quinhentos, esta longíqua ilha era referenciada apenas pelas abundantes florestas de sândalo, fama assim imortalizada por Luís de Camões no canto décimo de *Os Lusíadas* (1572): «Ali também Timor, que o lenho manda/Sândalo salutífero, e cheiroso/Olha a Sunda tão larga [...]».

O interesse no comércio do sândalo fez com que os portugueses começassem a frequentar de forma organizada, a partir de 1515, a ilha de Timor. No entanto, só na segunda metade do século XVI é que se assinalam os primeiros esforços continuados de fixação no território, encetados sobretudo por missionários dominicanos que começam por se estabelecer na pequena ilha de Solor, onde erguem uma fortaleza que serviu de base às atividades então empreendidas em Timor. A importância desta ilha para os interesses portugueses na região também se encontra testemunhada na belíssima carta de Fernão Vaz Dourado, datada de 1576. Durante este período, a presença portuguesa em Timor foi muito débil, quase simbólica, sendo curiosamente mais significativa na parte

occidental da ilha, onde se destacaria Cupão, centro tomado pelos holandeses no século XVII. O controlo do território, condição primordial para garantir o acesso às matérias-primas existentes na ilha, residiria fundamentalmente no estabelecimento de relações amistosas com as chefaturas indígenas, para além da necessária presença portuguesa em pontos que assegurassem um escoamento dos produtos com interesse comercial.

A incipiente ocupação do território explica a inexistência de vestígios materiais relacionados com a fase inicial da presença portuguesa em Timor. A perda de Cupão para os holandeses, obrigou a uma deslocação da «administração» portuguesa para Lifau, no enclave de Ocussi, onde permaneceu até 1769, ano da sua

destruição e abandono e também da fundação de Dili, a nova «capital».

São raros os testemunhos

sobre os povos timorenses no século XVI. Apesar de cartografada a ilha não aparece registada nos

desenhos que Francisco Rodrigues elaborou com paisagens de diversas ilhas a oriente de

Malaca mas, seguramente, Timor não seria

muito diferente do «retrato» que Rodrigues fixou da vizinha ilha de Alor. Por outro lado, as referências quinhentistas ao modo de viver e habitar das populações indígenas são muito simples e parcelares, merecendo

todavia referência as descrições da ilha e das suas gentes elaboradas por António Pigafetta, em 1522, e pelo padre jesuíta Baltasar Dias, em 1559. Contudo, só os resultados científicos de

estudos antropológicos e de missões etnográficas realizados desde a segunda metade do século XIX, permitem hoje imaginar melhor como viviam e morriam os povos de Timor à chegada dos portugueses.

Rui Centeno

